

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO  
LABORATÓRIO DE GESTÃO EM SERVIÇOS DE SAÚDE

Marina Juliette Grilo Rezende

**GRUPOS DE PALHAÇOS QUE ATUAM NO AMBIENTE HOSPITALAR**

Rio de Janeiro

2007

Marina Juliette Grilo Rezende

GRUPOS DE PALHAÇOS QUE ATUAM NO AMBIENTE HOSPITALAR.

Trabalho apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para conclusão do Curso de Formação Profissional em Gestão em Serviços em Saúde

Orientadora: Luciana Gomes

Rio de Janeiro

2007

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus que me deu força, coragem e perseverança para concluir esta jornada.

Agradeço a meu pai Carlos, minha mãe Silvéria, minha irmã Marianne e minha avó Alzira, por me darem incentivo nas horas mais difíceis e pela tolerância nos momentos em que fiquei nervosa.

Agradeço ao Felipe, por estar sempre ao meu lado, me ajudando, me ouvindo e me propondo a desenvolver minhas idéias, mesmo quando essas pareciam difíceis de se concretizar.

Agradeço também, na mesma ordem de importância, a minha orientadora Luciana que, mesmo estando muito ocupada com os estudos, nunca se esquivou em tempo, carinho, compreensão e competência, dando o máximo de si para que eu chegasse até aqui.

*ARTE: É tudo que se abre. A ciência fecha para poder ver melhor. Quanto mais você abre a arte, mais arte você faz; quando você fecha a ciência mais ciência você tem.*

*(definição de uma criança, apud. Morgana Masetti. Boas Misturas.)*

## **RESUMO**

A presente pesquisa trata de grupos de palhaços que atuam no ambiente hospitalar. Essa atuação ocorre por meio de visitas feitas no próprio ambiente hospitalar em que o paciente se encontra, seja ele pediátrico ou não. O objetivo principal da pesquisa foi conhecer grupos de palhaço que se apresentam para pacientes pediátricos internados. E nisto está incluso a maneira de atuação de cada grupo, bem como a sua apresentação (a caracterização), como ocorrem as visitas e a frequência das mesmas, a história dos grupos de palhaços, a formação dos palhaços de cada grupo e a relação deles com os pacientes, familiares e acompanhantes e com os profissionais que trabalham no hospital. Para isso foi realizada uma pesquisa bibliográfica, em que foram pesquisados diversos assuntos não só ligados a grupos de palhaços que atuam no ambiente hospitalar, mas também assuntos ligados a humanização no ambiente hospitalar. Os dados da pesquisa foram obtidos por meio de reportagens, livros, jornais, vídeos, sites na internet, e etc. E com isso, pode-se concluir que os grupos de palhaços que atuam no ambiente hospitalar, realizam uma transformação positiva no humor da criança e também no ambiente hospitalar.

Palavras-chave: palhaços; humanização; brincadeira no hospital.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2 QUADRO TEÓRICO</b> .....	8
2.1 A HUMANIZAÇÃO .....	8
2.1.1 A importância da humanização no ambiente hospitalar .....	8
2.1.2 Especificidades do ambiente hospitalar para pacientes pediátricos .....	10
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	12
<b>4 OS PALHAÇOS</b> .....	14
4.1 A ORIGEM DO PALHAÇO .....	14
4.2 CARACTERIZAÇÃO DO PALHAÇO NO HOSPITAL .....	15
4.3 A FORMAÇÃO DOS PALHAÇOS E AS SUAS FORMAS DE TRABALHO (DIFERENÇAS ENTRE GRUPOS FORMADOS POR ATORES PROFISSIONAIS E PALHAÇOS AMADORES) .....	15
4.4 GRUPOS DE PALHAÇOS .....	16
4.4.1 Companhia do riso .....	16
4.4.2 Projeto Sorrir .....	19
4.4.3 Operação Hospalhaço .....	19
4.4.4 Mensageiros do Riso .....	20
4.4.5 Semeadores da Alegria e o Sorriso de Anjo .....	20
4.4.6 Libertadores do Riso .....	21
4.4.7 Enfermaria do Riso .....	21
4.4.8 Doutores da Alegria .....	22
<b>5 DISCUSSÃO</b> .....	26
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	28
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	30

## 1 INTRODUÇÃO

O palhaço é uma figura muito conhecida, sobretudo, pela sua trajetória na história do teatro e na do circo. A palavra palhaço é de origem italiana, vem de *paglia* que significa palha, e a palavra *clown* é de origem inglesa, e representa o camponês. Apesar de terem significados diferentes, de um modo geral possuem o mesmo objetivo: a diversão do público. Para Aquino *et al* 2001, *apud* Mello (p.246:2004) “o palhaço é hoje um tipo que tenta fazer graça e divertir seu público por meio de suas extravagâncias; ao passo que o *clown* tenta ser sincero e honesto consigo mesmo”.

Há algum tempo os palhaços vem conquistando novos espaços de atuação, como o ambiente hospitalar. Apesar da grande diferença do ambiente hospitalar, com o ambiente que o palhaço está acostumado a atuar, esse tipo de trabalho vem crescendo, segundo Rocha *et al* (2006, p.68) existem pelo menos 124 grupos de palhaços que atuam no ambiente hospitalar, só no Brasil.

Cada grupo tem suas particularidades, como o público-alvo a que atendem. Segundo a Pesquisa Palhaços em Hospitais, realizada pelo Centro de Estudos Doutores da Alegria em 2003 a maioria se volta para o atendimento a crianças e adolescentes.

O trabalho dos palhaços é realizado por meio de visitas periódicas ao ambiente hospitalar. Acredita-se que essas visitas podem influenciar a recuperação das crianças e adolescentes de maneira positiva, segundo Françani *et al* (1998, p.6), “... pode-se observar algumas transformações no dia-a-dia; o espaço hospitalar tornou-se mais informal e descontraído, o riso pode ser ouvido com maior frequência (...) As crianças pedem sempre que o grupo permaneça mais tempo (...) e na maioria das vezes são deixadas mais falantes e alegres do que quando foram encontradas.” As visitas também contribuem para o processo de humanização do ambiente hospitalar, mas ainda são uma atividade pouco conhecida.

Para este estudo buscamos conhecer o trabalho de grupos que atuam como palhaços no ambiente hospitalar. A escolha deste tema baseou-se no interesse em compreender o papel que a arte está tendo em promover o humor, alegria, saúde e mudanças em um ambiente como o hospital. E na complexidade que ele possui, pois envolve não só os palhaços e os pacientes atendidos, abrange os acompanhantes dos pacientes e os profissionais de saúde, é uma intervenção também no ambiente.

Visamos identificar as diferentes formas de atuação, organização e formação de grupos de palhaços que atuam no ambiente hospitalar, privilegiando os que se apresentam para pacientes pediátricos internados.

**Tivemos como objetivo geral:**

Conhecer o trabalho desenvolvido por grupos que se apresentam como palhaços no ambiente hospitalar para pacientes pediátricos internados.

**E objetivos específicos:**

- Conhecer a história dos grupos, como é feita a formação dos palhaços, que tipo de recursos dispõem;
- Descobrir a maneira como cada grupo de palhaço se apresenta (caracterização) no ambiente hospitalar;
- Verificar como ocorrem as visitas;
- Identificar a relação dos grupos de palhaços com os pacientes, seus acompanhantes, os profissionais de saúde e o ambiente hospitalar;
- Identificar se este tipo de atividade articula-se com as políticas de humanização que estão sendo implantadas nos hospitais e saber que tipo de recursos eles possuem para realizar este trabalho.

## 2 QUADRO TEÓRICO

### 2.1 A HUMANIZAÇÃO

A humanização vem sendo muito discutida atualmente, devido à qualidade dos serviços oferecidos principalmente nos hospitais públicos, onde ela se torna fundamental, por causa dos inúmeros atendimentos, a lotação das emergências, que muitas vezes contribuem para a baixa qualidade dos serviços, visto que a demanda se torna maior do que se pode oferecer.

Com o propósito de inserir políticas de humanização na rede do Sistema Único de Saúde (SUS), foi criado o programa HumanizaSUS, que deveria estar presente na maioria dos hospitais públicos do Brasil. O HumanizaSUS é a proposta para enfrentar o desafio de tomar os princípios do SUS no que eles impõem de mudança dos modelos de atenção e de gestão das práticas de saúde. Para Cembranelli (2008), “sua implantação será resultado do esforço integrado do Ministério da Saúde, Secretarias Estaduais e Municipais e entidades da sociedade civil; exigirá a participação de gestores, profissionais de saúde e comunidade”.

O Ministério da Saúde decidiu priorizar o atendimento com qualidade e a participação integrada dos gestores, trabalhadores e usuários na consolidação do SUS. Eis a aposta do HumanizaSUS.

Por humanização entendemos a valorização dos diferentes sujeitos implicados no processo de produção de saúde. Os valores que norteiam esta política são a autonomia e o protagonismo dos sujeitos, a co-responsabilidade entre eles, o estabelecimento de vínculos solidários a participação coletiva no processo de gestão e a indissociabilidade entre atenção e gestão.

Segundo Cembranelli (2008), “os benefícios concretos virão para todos que dele participam – Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH): usuários, trabalhadores de saúde e gestores do sistema hospitalar”.

#### 2.1.1 A importância da humanização no ambiente hospitalar

Um importante aspecto para a humanização, se encontra no ambiente hospitalar em que o paciente está- seja passando por um curto ou longo período de tempo. Segundo a cartilha *Ambiência Hospitalar* (2004:5) lançada pelo Ministério da Saúde e elaborada pelo programa HumanizaSUS, o ambiente hospitalar, em que o paciente se encontra, seja ele

adulto ou criança, muitas vezes pode influenciar positivamente ou negativamente no seu processo de recuperação, ou até mesmo amenizar o seu estado psicológico, no tempo em que se encontra neste ambiente. Mas a influência positiva depende muitas vezes dos aspectos, como o som, a iluminação, a cor e o cheiro.

De acordo com esta cartilha elaborada pelo programa HumanizaSUS, pode-se encontrar três eixos importantes para a humanização do ambiente hospitalar em que o paciente se encontra:

- O espaço que possibilita a reflexão da produção do sujeito e do processo de trabalho;
- O espaço que visa a confortabilidade focada na privacidade e individualidade dos sujeitos envolvidos, exaltando elementos do ambiente que interagem com o homem – a dizer cor, cheiro, som, iluminação, morfologia... -, e garantindo conforto a trabalhadores, paciente e sua rede social;
- O espaço como ferramenta facilitadora do processo de trabalho funcional favorecendo a otimização de recursos e o atendimento humanizado, acolhedor e resolutivo.

Sabe-se então que para um adequado ambiente hospitalar, devemos levar em conta a privacidade e a individualidade dos pacientes, para maior proteção da intimidade entre os pacientes e a equipe. E isso deve se aliar a um tratamento de áreas externas, para que os pacientes não se vejam em um local sombrio, promovendo locais com bancos, jardins, enfim, tornando o local mais aconchegante, inclusive proporcionando uma área de relaxamento para os profissionais.

Para Martins (2008), “há instituições que se dizem já humanizadas, mas, em alguns desses casos, humanização equivale a melhorias na estrutura física dos prédios. Sem dúvida, são medidas relevantes numa instituição. No entanto, podem ser fatores meramente pontuais se não estiverem inseridos em um processo amplo de humanização das relações institucionais.”

Segundo Cembranelli (2008) “na construção do ‘hospital humanizado’, haveremos de agir como o artesão que toma a matéria em suas mãos para moldar as formas nascentes do que deve ser criado. Do que será, no futuro”. De acordo com Martins (2008), “a humanização é um processo amplo, demorado e complexo (...) pois envolve mudanças de comportamento”.

Na prática, a proposta do programa HumanizaSUS ainda não está presente na maioria dos hospitais públicos. E isso se mostra, no espaço que é oferecido aos usuários e também na relação médico-paciente. Para dar conta desta demanda, muitas vezes os hospitais contam com ações, em sua maioria praticada por voluntários, como os contadores de história, recreacionistas, músicos e artistas plásticos.

Masetti (2005, p.3), nos convida a pensar se mesmo com todo esse estímulo por parte da população “chegaremos a criar uma ISO da humanização para os hospitais? Ou então algo como os ‘dez passos’ para humanizar?”.

### 2.1.2 Especificidades do ambiente hospitalar para pacientes pediátricos

De acordo com a cartilha *Ambiência Hospitalar* (2004, p.5), o ambiente hospitalar oferecido para os pacientes que necessitam de um tratamento médico mais demorado deve focalizar a confortabilidade e a privacidade do paciente e também levar em conta fatores como a cor, o cheiro, o som e a iluminação. Tudo isso a fim de garantir o conforto aos trabalhadores, aos pacientes e à sua rede social.

Quando se trata de pacientes pediátricos, deve-se ter uma atenção ainda maior no ambiente hospitalar que é oferecido para seu tratamento, uma vez que a criança está em fase inicial de desenvolvimento.

Os pacientes pediátricos que ficam internados, de acordo com a disponibilidade de cada hospital, podem ter acesso às brinquedotecas e ao apoio pedagógico.

As brinquedotecas são espaços no hospital que possuem diversos brinquedos (jogos, bonecas), papéis e tintas coloridas, podendo ser um espaço para distração do paciente pediátrico durante o período de internação. De acordo com Maluf (2004), “a brinquedoteca é um espaço que visa estimular as crianças e jovens brincarem livremente, pondo em prática sua própria criatividade e aprendendo a valorizar as atividades lúdicas.”

A partir de convênios com a prefeitura, alguns hospitais, podem oferecer uma classe escolar dentro de o próprio ambiente hospitalar em que a criança se encontra. O apoio pedagógico é oferecido a fim de manter o direito da criança à educação e para que ela não se atrase na escola, no período em que está internada.

Alguns hospitais contam com a visita de palhaços no ambiente hospitalar. Segundo Masetti (2005, p.4), “a necessidade do palhaço ocupar o cenário hospitalar, talvez seja porque a medicina, no seu movimento de capitalização, esteja se afastando do sentir (a relação humana) e ameaçando as pessoas à medida que a riqueza cultural é privatizada e inserida numa lógica econômica”.

Esses palhaços fazem visitas às crianças em seus leitos e em sua maioria levam brinquedos e se apresentam como médicos. A frequência das visitas varia de acordo com cada grupo, assim como a caracterização e as brincadeiras. As relações com os profissionais de saúde e os pacientes e seus acompanhantes são em sua maioria boas. De acordo com Masetti

(2005, p. 5), com essas visitas “novos pontos de vista são criados: o carrinho das refeições dos hospitais pode se transformar em um trem, devido a seu barulho (...) ou seja, o foco é totalmente concentrado no presente e na construção de uma relação lúdica.” E ainda, segundo diversos depoimentos de atores e profissionais de saúde apresentados no documentário *Doutores da Alegria: o Filme* este tipo de atividade tem se tornado importante para a transformação do ambiente hospitalar e também para o processo de recuperação da criança, podendo até amenizar a dor e o sofrimento por meio de brincadeiras.

### 3 METODOLOGIA

Com esta pesquisa, pretendemos conhecer grupos de palhaços que atuam no ambiente hospitalar, suas formas de se relacionar com este ambiente e com os pacientes pediátricos, sua formação profissional, e como se inserem nas políticas de humanização. Buscamos também, dar maior visibilidade ao trabalho dos palhaços no campo da saúde. Optamos por grupos de palhaço que atuavam onde houvesse leitos pediátricos, sendo referência ou não em pediatria, da rede pública ou privada.

Não foi possível realizar pesquisa de campo, pois muitos grupos não permitem o acompanhamento de outras pessoas durante as visitas. Em alguns grupos, os palhaços não podem dar entrevistas sem autorização do grupo. E também porque muitos grupos localizam-se em outros estados.

Optamos então por uma pesquisa bibliográfica. O levantamento bibliográfico ocorreu em várias etapas. Inicialmente buscamos na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) o descritor “palhaço” e encontramos apenas 4 artigos, sendo que somente dois tratavam da atuação de grupos de palhaços no hospital. Utilizamos também livros e cartilhas produzidos pelos próprios grupos.

Considerando a escassez de artigos científicos que tratassem do tema proposto e a dificuldade de acesso aos grupos de palhaços optamos por uma busca na internet por sites contendo informações sobre grupo de palhaços que atuavam em hospital. Encontramos reportagens com os fundadores dos grupos, vídeos, notícias em jornais e revistas e sites oficiais de grupos de palhaços.

Num segundo momento pesquisamos sobre a humanização no ambiente hospitalar e as suas políticas, contamos com as cartilhas produzidas pelo Ministério da Saúde, reportagens sobre o assunto em jornais e revistas e artigos científicos.

Após isso agrupamos todas as informações encontradas sobre cada grupo de palhaço. Separamos por tópicos definidos, como: a sua história, como os palhaços se apresentam (a caracterização), a formação profissional dos integrantes, o local de atendimento, as visitas e a relação dos palhaços com os profissionais de saúde e os pacientes. Essas informações foram encontradas, sobretudo, no site dos grupos na internet e por meio de documentários sobre o grupo.

A descrição de cada grupo de palhaço foi feita separadamente, depois comparamos entre os grupos alguns aspectos importantes, como: a caracterização, as visitas, a formação do profissional e como isso influencia no trabalho, a relação com os profissionais de saúde, os

pacientes e os acompanhantes e também sobre o público alvo de cada grupo. Como a nossa maior fonte de dados para esta etapa foi o material disponível nos sites dos grupos, não conseguimos levantar todos os aspectos de todos porque a quantidade e a qualidade de informações variaram de acordo com que cada grupo disponibilizou.

## 4 OS PALHAÇOS

### 4.1 A ORIGEM DO PALHAÇO

Muitas vezes se associa, incorretamente, a história do palhaço com a história do circo. Conforme o depoimento de Wellington Nogueira no documentário *Doutores da Alegria o Filme*, o palhaço surgiu muito tempo antes do circo, e passou por diversas transformações.

O palhaço é um arquétipo muito poderoso e está presente em diversas culturas. Já existiam palhaços nos tempos de absolutismos, que eram os bobos da corte, na Itália em meados do século XVI, eram os artistas da *Commedia Dell'arte*, haviam os pajés de tribos indígenas, os palhaços do cinema, os palhaços do circo, entre outros.

Segundo Johnson (1992), o bobo da corte surgiu cerca de 2500 anos antes de Cristo e foi durante a Dinastia do Faraó Dadkeri-Assi que o bobo da corte começou suas primeiras atividades. Segundo Wellington Nogueira no documentário *Doutores da Alegria o Filme* o bobo da corte era inteligente o suficiente para se passar por bobo, só para falar as verdades que guilhotinavam a todos, menos a ele, pois era só um bobo. E dessa forma eles conseguiam expressar suas opiniões de forma irônica e se escondiam através dessas brincadeiras.

A *Commedia dell'arte* surgiu na Itália no século XVI e logo dominou o teatro europeu. Ela é marcada pelas constantes técnicas do improviso e apresentações nas ruas (Johnson, 1992). A *Commedia dell'arte* utilizava características dos bobos da corte para seus espetáculos: roupas largas, sapatos grandes e máscaras engraçadas, além das típicas piadas que divertiam o público e que misturavam sarcasmo e romantismo. Com a fusão do bobo da corte e os atores da *Commedia Dell'arte* com o circo, têm-se a origem dos palhaços de hoje em dia.

Muitos palhaços tornaram-se famosos, como os palhaços do cinema: Charles Chaplin e o Gordo e o Magro. No Brasil, tivemos o palhaço Carequinha.

Atualmente existem diversos tipos de palhaços, que se apresentam em diferentes locais, como no ambiente hospitalar.

Os palhaços que atuam no ambiente hospitalar são divididos, principalmente, em dois tipos: os palhaços profissionais e os palhaços amadores. É interessante observar que nenhum dos grupos de palhaços têm como prioridade a humanização do ambiente hospitalar, mas todos eles, de alguma forma, têm contribuído positivamente no seu desenvolvimento.

## 4.2 CARACTERIZAÇÃO DO PALHAÇO NO HOSPITAL

Cada grupo de palhaço pode se apresentar de uma maneira diferente, fica a critério do grupo, o mais comum principalmente no ambiente hospitalar, é o uso de sapatos grandes, pintura do rosto que inclui o nariz vermelho e o uso de roupas largas e jalecos brancos.

Alguns palhaços utilizam diferentes técnicas para a maquiagem do rosto nas visitas ao ambiente hospitalar. É o caso do grupo Doutores da Alegria, que para a apresentação no ambiente hospitalar procura não cobrir o rosto todo com a pintura. Numa conversa informal com um desses palhaços, ele disse que a pintura não tomava o rosto todo porque era uma apresentação mais direta, e que a maquiagem carregada era usada nas apresentações de circo, porque é para um público maior.

Existem também diversos grupos que fazem visitas utilizando perucas, e outros acessórios, como óculos grandes, brinquedos e crachás.

Segundo a pesquisa Palhaços em Hospitais, realizada pelo Centro de Estudos Doutores da Alegria em 2003, foi constatado que a principal apresentação dos palhaços dos grupos entrevistados é o figurino tradicional de palhaço que vem seguido com a maquiagem. E segundo essa pesquisa, também existem também palhaços que utilizam instrumentos musicais, aparelhos médicos e até mesmo doces.

## 4.3 A FORMAÇÃO DOS PALHAÇOS E AS SUAS FORMAS DE TRABALHO (DIFERENÇAS ENTRE GRUPOS FORMADOS POR ATORES PROFISSIONAIS E PALHAÇOS AMADORES)

Existem diferentes formas de ver o ambiente hospitalar e o riso, cada palhaço vai ter o seu olhar, mas existem grandes diferenças entre os palhaços que são atores e os palhaços amadores, e essas diferenças mostram-se presentes nas relações com o ambiente hospitalar e caracterização dos palhaços.

Segundo a pesquisa Palhaços em Hospitais (2003), foi constatado que entre os grupos pesquisados, a maioria tem como público alvo as crianças e os adolescentes, seguidos de familiares e seus acompanhantes, profissionais de saúde e adultos, idosos e deficientes físicos.

Essa mesma pesquisa revela que a maioria dos palhaços fazem duas visitas por semana, e uma pequena parcela dos palhaços fazem mais de quatro visitas por semana. E os palhaços amadores aparecem com maior frequência de visitas.

Nessa pesquisa também possui o número de palhaços que fazem as visitas. A maior parte dos grupos realiza as visitas em dupla, e tem como limite o trio, mas existem exceções que também foram constatadas. Por exemplo, existem grupos de palhaços amadores que fazem visitas com mais de quatro integrantes, os palhaços atores fazem a visita, em sua maioria em duplas, estendendo-se até quartetos. Constata-se que muitos palhaços amadores não realizam cursos, ou de aprendizados ou de reciclagem, já os palhaços atores na sua grande maioria realizam cursos de aperfeiçoamento profissional com certa frequência.

A maioria dos grupos não recebe investimentos do poder público, procurando então parcerias com empresas privadas, porém, nem sempre essas parcerias são feitas. Apesar disto, existe um interesse muito grande por parte dos hospitais em trazer a visita desses palhaços.

No Brasil, o grupo mais conhecido de palhaços que atuam no ambiente hospitalar, são os Doutores da Alegria. O trabalho deste grupo inspirou o surgimento de vários grupos que vieram posteriormente. Segundo o livro lançado pela organização Doutores da Alegria: Balanço 15 anos dos Doutores da Alegria (2006, p. 68), existem 143 grupos semelhantes ao trabalho dos Doutores da Alegria e no Brasil são 124 grupos.

Cada grupo de palhaço tem sua particularidade, como a sua caracterização, a frequência das visitas e a relação com o ambiente hospitalar. Busca-se nos próximos subtítulos, fazer um detalhamento de nove grupos de palhaços que se apresentam no ambiente hospitalar. Esse detalhamento inclui a frequência das visitas, os locais da visita, a caracterização do palhaço, os recursos utilizados (como brinquedos) e sua história.

#### 4.4 GRUPOS DE PALHAÇOS

##### 4.4.1 Companhia do riso

Em 1996 surge a Companhia do Riso, que procura resgatar o riso da criança hospitalizada e de seus familiares, promovendo atividades divertidas. Basearam-se no programa já desenvolvido pelos “Doutores da Alegria”.

Este grupo surgiu a partir do interesse de um grupo de alunas do curso de graduação em Enfermagem na Universidade de São Paulo (USP) que cursava o sétimo semestre as disciplinas Psicologia e Enfermagem Pediátrica e Neonatal. Quando ainda eram estudantes, as enfermeiras, antes de fundar o grupo cursaram oficinas sobre práticas artísticas no ambiente hospitalar. O grupo é formado por estudantes de enfermagem e enfermeiros.

Eles se apresentam vestidos com jaleco branco de mangas compridas, os cabelos são penteados em forma de tranças e presos com armaduras ou até mesmo arames, e cada palhaço utiliza um chapéu diferente. A pintura do rosto é feita com maquilagem característica de palhaço e eles utilizam o nariz vermelho.

Nas visitas são utilizados brinquedos de material plástico e muito coloridos, esses brinquedos variam desde imitações de ferramentas como alicates e martelos, relógios, apitos, miniaturas de ferros de passar e o nariz vermelho, que é oferecido às crianças logo na primeira visita feita pelos palhaços. Esses brinquedos, junto com uma galinha de borracha e outro dois martelos grandes e apitos são levados para o ambiente hospitalar dentro de duas maletas plásticas. O grupo também utiliza recursos de comunicação com as crianças, como músicas, brincadeiras infantis e perguntas as próprias crianças.

Por se tratar de um grupo formado por profissionais da saúde, há uma grande preocupação com a desinfecção de todo o material utilizado pelos palhaços, desde os brinquedos usados pelas crianças, até os jalecos usados pelos palhaços. E durante as brincadeiras é evitado o contato das crianças com o jaleco.

As visitas são feitas em um hospital público universitário, e se reserva à clínica pediátrica. O hospital além de prestar assistência à população é também campo de estágio para estudantes de vários cursos de graduação, como Medicina, Enfermagem e Psicologia, para residentes de Medicina, Psicologia e Fisioterapia e estagiários de cursos de Auxiliar e técnico de enfermagem. No andar visitado, que é o pediátrico, há um refeitório, aparelho de TV e sala de repouso para os acompanhantes com cadeiras reclináveis para maior conforto. Há também uma sala de recreação infantil com mesas e cadeiras infantis, armários e estantes com brinquedos, como jogos, bonecas e tintas. Todas as dependências do andar incluindo a área dos elevadores e corredores têm as paredes pintadas com fundo claro e decoradas com desenhos e pinturas de motivos infantis.

As visitas não possuem horários fixos e ocorrem pelo menos uma vez por semana, com a duração média de três horas. São quatro participantes que formam duas duplas. As crianças não são obrigadas a receber a visita dos palhaços, elas são consultadas sobre a possibilidade de receber a visita, o que é feito geralmente pelo acompanhante, porém se o grupo percebe que há alguma receptividade da criança ou o acompanhante estimula a criança a aceitar a visita, o grupo insiste em fazer a visita, mas não força a sua presença. Se o grupo já conhece alguma criança que se assusta com a figura do palhaço, evita se expor a ela.

Cada criança visitada possui uma pasta chamada de “*Prontuário da Alegria*”, com a identificação da criança através de seus dados pessoais, como o nome completo, o registro no

hospital e a idade, e o resumo de sua histórica clínica atual. Nesta pasta é onde se registra a data, o período e o local em que a criança se encontra e uma breve descrição do estado geral da criança ao que possa impossibilitá-la no processo de brincar, como soro, drenos, repouso e curativos. Também são registradas as reações da criança frente ao grupo e as brincadeiras, como o susto, medo, raiva e risada.

As brincadeiras variam de acordo com a idade e as possibilidades da criança no momento da visita. Na primeira visita, o grupo se apresenta como uma equipe de enfermeiras bacteriólogas e faz uma série de perguntas as crianças, caso elas permitam a visita. No momento das perguntas o grupo aproveita para incentivar a alimentação da criança e estimular a criança a levantar do leito. Segundo França *et al* (1998, p.5), o grupo utiliza a arte como instrumento na assistência à criança hospitalizada. Todas as respostas são comentadas pelo grupo e é constante a presença do improviso.

Caso a visita ocorra na hora do almoço ou jantar e tenha alguma criança que não está se alimentando direito, o grupo busca participar desse processo de alimentação.

As brincadeiras do grupo são relacionadas ao próprio ambiente hospitalar, como: a cirurgia de extração de mau humor, o transplante de nariz vermelho, a medição da veia cômica (veia imaginária, que contém alegria, segundo o grupo) e o teste do pezinho (em que são feitas cócegas nos pés das crianças). Para a anestesia dessas cirurgias são utilizados martelos grandes e apitos e após as cirurgias mede-se a veia cômica, constatando, de acordo com o grau de participação na brincadeira da criança, se houve ou não melhora.

O grupo desenvolveu seu próprio vocabulário. As infusões venosas são apelidadas, pelo grupo, por alguma bebida, variando de acordo com a sua cor, como por exemplo: o soro que é chamado de caipirinha devido a sua cor branca, papa de hemáceas são chamadas de licor de morango e quimioterápicos de cerveja. O grupo procura não fazer alusões ao ambiente hospitalar ou pronunciar nomes de medicamentos ou procedimentos. Com a utilização desse vocabulário no ambiente hospitalar, segundo França *et al* (1998, p.5) “o grupo tenta desviar a atenção da criança dos fatores que estão provocando dor ou incômodo, fazendo com que ela ainda que por alguns minutos, seja capaz de transportar-se para um mundo de brincadeiras e fantasias”.

Segundo França *et al* (1998, p.6),

“a presença do clown, expressa através da Companhia do Riso, no ambiente hospitalar abre espaço para a fantasia, o riso e a alegria. A partir dessa experiência pode-se observar algumas transformações no dia-a-dia: o espaço hospitalar tornou-se mais informal e descontraído, o riso pode ser ouvido com maior frequência e objetos, sons, movimentos, cores, espaços e personagens podem se tornar

brinquedos. Identificamos aqui uma intervenção concreta que valoriza o processo de desenvolvimento infantil.”

#### 4.4.2 Projeto Sorir<sup>1</sup>

O projeto Sorir foi criado por Higor Reis, no ano de 2006 na cidade de Curitiba, com o objetivo de levar alegria ao ambiente hospitalar e “quebrar o clima triste e monótono que é comum em um hospital”, segundo o site do grupo na internet.

No início o grupo era formado apenas por uma dupla e atendia a somente um hospital. Existia muita vontade de expandir as visitas, mas eram pouco integrantes e inexperientes. Com o tempo, o grupo ganhou novos integrantes e estes também se aperfeiçoaram.

De acordo com as informações contidas no site do grupo, a missão do grupo é “Levar alegria, amor e paz espiritual as crianças que estejam internadas em hospitais”. Apesar de ter como objetivo a visita a crianças, eles também atendem pacientes idosos e adultos.

As visitas são semanais e os integrantes do grupo se apresentam como doutores palhaços.

O nome do grupo, segundo o fundador do grupo, Higor Reis, “é uma representação de como pensamos em um hospital, sendo o Sorrir e o Só Rir diante daquilo que é bom”.

A relação dos palhaços com os outros profissionais de saúde que trabalham no hospital é muito boa segundo o endereço eletrônico do grupo na internet, assim como a relação com os seus pacientes. No endereço do projeto Sorir na internet, encontram-se diversos depoimentos, dentre eles o de uma enfermeira de um dos hospitais atendidos, que afirma que “os palhaços durante as visitas quebram a rotina do hospital, fazendo com que até as enfermeiras riam, e quando não há a visita o trabalho no hospital fica monótono”.

#### 4.4.3 Operação Hospalhaço<sup>2</sup>

O grupo foi criado em 1998 com o nome inicial de Plantão da Alegria, a idéia surgiu a partir do trabalho já realizado pelos Doutores da Alegria e do médico americano que também se apresentava como palhaço no ambiente hospitalar, Hunter “Patch” Adams.

O trabalho do grupo só começou a ser desenvolvidos de fato, no ano de 2002 com o encontro de três alunos na faculdade.

---

<sup>1</sup> Fonte: Projeto Sorir. Disponível em: <<http://www.projetosorir.com.br/index3.htm>> Acessado em: 02 Dez. 2007.

<sup>2</sup> Fonte: Operação Hospalhaço. Disponível em: <[www.hospalhaco.com.br](http://www.hospalhaco.com.br)> Acessado em: 02 Dez. 2007.

O grupo é composto por artistas profissionais que estudam a arte do palhaço, e procura levar alegria e transformação a vários ambientes, como hospitais, asilos e orfanatos. O grupo não tem um público certo, atendendo pacientes de todas as idades.

De acordo com o registro deste grupo na internet, muitas pessoas já participaram do grupo, “mais de 200 pessoas passaram pelo grupo, contribuindo com doações e participando das oficinas promovidas pelo grupo Operação Hospalhaço (ex-grupo Plantão da Alegria)”, segundo o site grupo na internet.

#### 4.4.4 Mensageiros do Riso<sup>3</sup>

O grupo surgiu em 2005, com o objetivo da utilização da arte do *clown* para modificar o ambiente hospitalar.

Para o grupo a figura do *clown* tem o poder de modificar o pensamento de pessoas. “...o *clown* pode tocar os corações das pessoas de maneira a fazê-las sentir e não somente ver e acreditar” , segundo o site do grupo na internet.

Este grupo acredita que o palhaço tem o poder de diminuir as dores das crianças hospitalizadas, deixando-as mais fortes e autônomas, e com isso, deixando-as mais bem humoradas e alegres, pois segundo o grupo, isto supre a necessidade que a criança tem de brincar e há o compartilhamento de olhares e emoções.

O grupo se apresenta como doutores palhaços, visitam diversos locais, como: creches, orfanatos e asilos, porém seu objetivo principal é a visita em hospitais.

#### 4.4.5 Semeadores da Alegria e o Sorriso de Anjo<sup>4</sup>

O grupo surgiu em 2004, e é composto por dez integrantes que atuam todos os domingos à tarde, no Hospital Municipal de São Bernardo, que fica em São Paulo. Tem como principal objetivo, a transformação da dor dos pacientes em alegria.

O grupo atende a pacientes de todas as idades, porém atua mais na ala pediátrica desse hospital e procura levar sorriso e alegria a cada criança hospitalizada.

Em parceria com o grupo semeadores da Alegria, surgiu outro grupo de palhaços, chamados de Sorriso de Anjo.

---

<sup>3</sup> Fonte: Mensageiros do Riso. Disponível em: <<http://mensageirosdoriso.zip.net>> Acessado em: 02 Dez. 2007.

<sup>4</sup> Fonte: Disponível em: <<http://www.metodista.br/rroonline/cidades/alegria-para-colher-sorriso>> Acessado em: 02 Dez. 2007.

O Sorriso de Anjo é composto por quinze integrantes e faz visitas periódicas aos domingos, uma a cada duas semanas, no Pronto-atendimento da Vila Luzita, também em São Paulo. Os integrantes do grupo não são atores profissionais, mas se apresentam e se caracterizam como palhaços no ambiente hospitalar.

#### 4.4.6 Libertadores do Riso<sup>5</sup>

Os Libertadores do Riso, assim como a maioria dos grupos de palhaços que atuam no ambiente hospitalar, são uma ONG (Organização Não Governamental), e reúne artistas formados pela arte-clown, e não atuam somente em hospitais, atuam também em asilos. De acordo com o material divulgado na página do grupo na internet, eles atuam nos “demais ambientes onde a arte do palhaço se faça necessária”.

João Mendes, que é arte-educador, músico e especializado na arte clown fundou este grupo em 1997. Ele trabalhava no hospital Santa Casa de Limeira localizado no estado de São Paulo, quando na Unidade de Terapia para Queimados se deparou com uma criança com queimaduras graves decorrentes de um incêndio, e que perdera toda a família. A criança pedia que lhe dessem uma injeção para dormir para sempre, e sensibilizado com isto, João passou a visitá-la vestido como palhaço. A visita do palhaço Ereonildes, interpretado por João mudou radicalmente o ânimo dessa criança, ela até cooperou com as enfermeiras na hora dos curativos e teve “uma recuperação muito mais rápida do que a esperada”.

Este trabalho chamou a atenção de todos no hospital. E um médico que tinha experiência teatral passou a ser voluntário nessas visitas.

O grupo Libertadores do Riso atua em diversas entidades, sendo a principal o Hospital Santa Casa de Limeira e faz visitas esporádicas em alguns locais, como o Asilo João Kuhl Filho-Limeira, a Casa da família-Iracemápolis e Hospital Municipal de Paulínia.

#### 4.4.7 Enfermaria do Riso<sup>6</sup>

A Enfermaria do Riso é um programa interdisciplinar de formação, ação e pesquisa que foi criado em 1998 no Departamento de Interpretação da Escola de Teatro do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, a UniRio.

---

<sup>5</sup> Fonte: Libertadores do Riso. Disponível em: <[www.libertadoresdoriso.org](http://www.libertadoresdoriso.org)> Acessado em: 02 Dez. 2007.

<sup>6</sup> Fonte: Disponível em: <[http://www.pacc.ufjf.br/literatura/dossie\\_riso\\_sobre.php](http://www.pacc.ufjf.br/literatura/dossie_riso_sobre.php)> Acessado em: 02 Dez. 2007.

O programa abrange áreas do Teatro e Saúde, e a ação principal do programa é a atuação artística dos alunos da Escola de Teatro da universidade em vários setores do Hospital Universitário Gaffrée & Guinle (HUGG).

Os alunos são treinados para atuar no hospital como um enfermeiro-palhaço, que interaja com pacientes infantis, seus acompanhantes e os enfermeiros e médicos.

As atuações no HUGG iniciaram apenas no final do ano 2000, apesar do Programa Enfermaria do Riso ter sido criado em 1998. Desde então os alunos trabalham regularmente em duplas fazendo visitas durante o ano, duas vezes por semana pela manhã.

Os enfermeiros-palhaços utilizam instrumentos que são usados em exames médicos, como seringas e estetoscópio, atribuindo-lhes outras funções e nomes diferentes, sugerindo ao outro uma nova forma de ver a realidade que o cerca. Durante as visitas os enfermeiros-palhaços procuram explorar os espaços físicos, sons e objetos característicos buscando estabelecer novas relações com aqueles que utilizam esses espaços, como médicos, enfermeiros, pacientes, acompanhantes e faxineiros.

Até 2005 o Programa contava com 20 participantes, dentre eles alunos de teatro, ex-alunos e alunos voluntários.

#### 4.4.8 Doutores da Alegria<sup>7</sup>

O fundador dos Doutores da Alegria é Wellington Nogueira. Ele foi para Nova York em 1984 estudar teatro musical.

No ano de 1986 Wellington recebeu a ligação de uma amiga que o convidou para conhecer o trabalho de palhaços que faziam visitas a crianças no ambiente hospitalar. Ele resistiu um pouco, pois naquele momento, até pelo seu desconhecimento, considerava a atuação como palhaço uma manifestação “menor” da arte. Então, conheceu o trabalho desenvolvido em hospitais por Michael Christensen, que é ator e palhaço e co-fundador do Big Apple Circus. Michael Christensen teve a idéia de se apresentar como um palhaço médico após ser convidado a realizar uma apresentação às crianças internadas em um hospital. Wellington foi surpreendido pela beleza e riqueza presente neste tipo de trabalho, que o inspirou a criar no Brasil os Doutores da Alegria.

---

<sup>7</sup> Fontes: Página Oficial do grupo Doutores da Alegria: Doutores da Alegria. DIGA 33! Disponível em: <[www.doutoresdaalegria.org.br](http://www.doutoresdaalegria.org.br)> Acessado em: 17 Nov. 2007; Documentário *Doutores da Alegria o Filme* (2005) e livro *Balanço 15 anos Doutores da Alegria*.

Os Doutores da Alegria são uma Organização da Sociedade Civil, sem fins lucrativos presente em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, atendem 12 hospitais e conta com uma equipe de 37 palhaços. O público principal do grupo são os pacientes pediátricos, mas de acordo com as cenas em que os mostram atuando em situação real e pelos depoimentos dos atores no documentário Doutores da Alegria o Filme, percebe-se que durante as visitas existe uma grande interação também com os acompanhantes dos pacientes e os profissionais de saúde, enfim, com todos que se relacionam diretamente àquele meio no qual a criança está inserida.

Os palhaços apresentam-se como bestiologistas (médicos interpretados pelos palhaços). Esses bestiologistas são artistas profissionais, que já tiveram experiências de trabalho como palhaços, e que também dominam outras artes circenses e musicais. Antes de integrar a equipe o palhaço passa por um treinamento no próprio ambiente hospitalar que inclui o acompanhamento das visitas por um palhaço-treinador e aulas na sede sobre as técnicas e/ou ferramentas a serem utilizadas, como por exemplo, a linguagem do palhaço. E mesmo quando já estão atuando, eles continuam a fazer cursos de aprimoramento técnico e artístico.

O trabalho dos palhaços tem três características, segundo o material contido no site oficial dos Doutores da Alegria<sup>8</sup>: a regularidade, a cooperação com os profissionais de saúde e a sistemática. A regularidade é porque a mesma dupla de palhaços comparece ao mesmo hospital durante seis meses, cria laços e cumplicidade com os pacientes e seus familiares e os profissionais de saúde. A cooperação com os profissionais de saúde é porque é parte do trabalho desenvolve um relacionamento cooperativo com os diferentes grupos profissionais: e a sistemática é o método de aproximação, que tem como princípio a permissão da criança, caracterização, rotinas prévias e improvisação, que compõem o tripé do trabalho artístico.

Wellington Nogueira pede a disponibilidade de seus palhaços, no mínimo de dezoito horas semanais, divididas entre visitas e aperfeiçoamento artístico. O trabalho artístico realizados pelos palhaços não é voluntário, por uma opção do fundador do grupo. Apesar de reconhecer que existem muitos grupos de palhaços que surgiram inspirados no Doutores da Alegria, e que são em sua maioria trabalhos voluntários.

O grupo conta com seus patrocinadores, sócio-mantenedores (pessoas físicas e jurídicas), doações e permutas, divididos em categorias segundo o montante aportado.

---

<sup>8</sup>Fonte: Site Oficial do Grupo Doutores da Alegria Disponível em: <[www.doutoresdalaegria.org.br](http://www.doutoresdalaegria.org.br)> Acessado em: 17 Nov. 2007.

Os Doutores da Alegria ministram diversos cursos e oficinas, para todo tipo de público, como profissionais da saúde, palhaços que já trabalham em hospitais e jovens aprendizes, cada curso com suas particularidades e objetivos. O curso para os profissionais da saúde é o único que se restringe a somente atender os profissionais que trabalham em hospitais onde os Doutores da Alegria atuam. O grupo também faz palestras interativas que apresentam a filosofia e os valores de seu trabalho, esta pode ser agendada.

As visitas feitas pelos Doutores da Alegria não tem qualquer custo para o hospital ou para o paciente e seus familiares. E elas ocorrem regularmente duas vezes por semana e seis horas por dia, sendo trocadas as equipes a cada seis meses, para que haja um rodízio nos hospitais.

Para que ocorra a implantação e permanência das visitas dos palhaços em um hospital são feitas exigências, como por exemplo, o hospital ter no mínimo cinquenta leitos infantis e ser referência local, condições operacionais, poucos recursos ligados a humanização e potencial de parcerias que dêem um solo fértil para o palhaço.

O grupo se preocupa muito com a qualidade do riso que eles geram, segundo o depoimento de um palhaço no documentário Doutores da Alegria o Filme o riso “não é de qualquer jeito, não é ridicularizando o outro... não é para afastar os problemas mas é pra integrá-los a vida”.

Os grupos de palhaços que fazem as visitas no ambiente hospitalar, utilizam a arte da improvisação, da conexão com o que está ocorrendo naquele momento, a partir da observação da ficha médica da criança e de seu estado de humor na hora da permissão de entrar no quarto. Muitas vezes o improviso é bem sucedido, mas outras vezes não, segundo o depoimento de um palhaço no documentário Doutores da Alegria o Filme, “às vezes você faz uma improvisação que é absolutamente maravilhosa: ‘Nossa como eu sou bom no improviso!’ Agora, tem outras em que você improvisa e dá tudo errado, é horrível...”, e segundo esse mesmo palhaço, um erro para o clown é como um bilhete premiado.

Os Doutores da Alegria carregam consigo uma maleta onde guardam diversos recursos para as brincadeiras, como: apitos, instrumentos musicais, bolhas de sabão, miniaturas de brinquedos, como flores e ferros de passar roupa, e martelos de brinquedo, tudo bastante colorido.

Os palhaços têm uma ótima interação com os pacientes e seus familiares, e também com os profissionais da saúde que trabalham nos hospitais, estabelecendo vínculos de amizade, como mostra o documentário Doutores da Alegria o Filme, em que uma palhaça

estava tendo aulas de música com um médico do hospital. Além disso, no filme, pode ser observado enfermeiros e médicos dançando e cantando com os Doutores da Alegria.

O grupo desenvolve nos hospitais visitados relatórios mensais que são entregues a direção do hospital, esses relatórios seguem o mesmo formato dos relatórios médicos mensais desenvolvidos pelos setores do hospital. Esse relatório possui quantos pacientes foram atendidos no mês, o que foi realizado nas visitas e quantas visitas foram realizadas no mês.

Os Doutores da Alegria atuam em vários hospitais em São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e recentemente em Belo Horizonte. Os hospitais visitados em São Paulo são: Hospital da Criança, Hospital do Mandaqui, Hospital Santa Marcelina, Instituto da Criança, Instituto de Tratamento do Câncer Infantil (ITACI), Hospital do Campo Limpo, Hospital do Grajaú e Hospital Universitário da USP. No Rio de Janeiro os hospitais visitados são: Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG), Hospital Universitário Pedro Ernesto, Hospital Geral de Bonsucesso e Hospital dos Servidores do Estado. Em Recife os hospitais que recebem as vistas do grupo são: Hospital da Restauração, Hospital Barão de Lucena, Hospital das Clínicas e Hospital Oswaldo Cruz. E em Belo Horizonte o grupo visita a Santa Casa.

Os Doutores da Alegria foram pioneiros no Brasil nas visitas no ambiente hospitalar, diversos grupos de palhaços surgiram inspirados em seu trabalho. Porém alguns grupos são compostos por voluntários ou profissionais de outras áreas.

## 5 DISCUSSÃO

Podemos observar que a formação dos palhaços varia de acordo com cada grupo. Existem grupos, como os Doutores da Alegria, em que os palhaços são artistas profissionais, ou seja, profissionais formados em artes cênicas, e que possuem experiência já na arte *clown*. Mas também existem grupos, como a Companhia do Riso, que é formado por profissionais da saúde, no caso enfermeiros, e que muitas vezes não possuem nenhum tipo de experiência na arte *clown* e nem como palhaços.

A maioria dos grupos pesquisados tem as crianças e os adolescentes como público alvo. Porém, alguns grupos também realizam visitas em asilos e atendem adultos e idosos. Os objetivos dos grupos são os mesmos: levar alegria e diversão por meio de brincadeiras para o ambiente hospitalar.

A frequência das visitas varia de acordo com cada grupo, e isso também ocorre no tempo da visita. Alguns grupos como a Enfermaria do Riso fazem visitas somente pela manhã, outros grupos como o Doutores da Alegria fazem visitas de até seis horas de duração.

Na maioria dos grupos a visita ocorre em duplas, mas existem grupos que se estendem até três palhaços por visita. A maioria dos grupos leva seus próprios brinquedos para o ambiente onde irão fazer a visitação, mas não descartam a possibilidade da utilização de coisas que estejam no quarto, como os próprios brinquedos das crianças.

Os tipos de brinquedos variam por grupo, alguns levam apitos e martelos, ou levam ferramentas de plástico e miniaturas de brinquedos, outros utilizam os próprios recursos que o hospital pode oferecer na hora da brincadeira, como seringas e estetoscópio. Alguns grupos tentam “fantasiar” a situação em que a criança se encontra, criando apelidos para alguns procedimentos médicos, como o grupo Companhia do Riso que apelida o processo médico em que a criança toma soro, dizendo que está tomando caipirinha e quando isto ocorre com tratamento quimioterápico, é associado a cerveja. Outros grupos fazem questão de não esconder da criança a sua situação, respeitando os seus horários e procedimentos, como o Doutores da Alegria, que segundo Wellington Nogueira afirma no documentário *Doutores da Alegria o Filme*, que quando há a visita dos palhaços, alguns pais procuram fantasiar a realidade do filho, o que ele é totalmente contra e afirma que o trabalho não tem esse objetivo.

Segundo a Pesquisa Palhaços em Hospitais (2003), a maioria dos grupos são organizações voluntárias. Por serem voluntárias, elas não recebem ajuda financeira do governo, o que existem são algumas leis de incentivo a cultura que são favoráveis aos grupos de palhaço, especialmente a Lei Rouanet (lei número 8313/91), que cujo objetivo é fomentar a

atividade cultural e artística nas diversas modalidades e facilitar a captação de recursos para a área cultural, com essa lei institui-se a PRONAC (Programa Nacional de Apoio à Cultura), que incentiva as instituições privadas e o governo a investir em projetos culturais. De acordo com Rocha *et al* (2006, p.61) o grupo Doutores da Alegria possui 150 empresas parceiras e 2.129 sócios mantenedores- pessoa física, além de ser amparado por essas leis.

O que se pode observar é cada grupo de palhaço tem suas particularidades e com isso muitas diferenças, a começar pela formação dos palhaços, pois a maioria dos grupos pesquisados é composto por palhaços amadores, e a frequência das visitas que variam entre visitas aos domingos e visitas duas vezes por semana.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença do palhaço, seja qual for a sua formação, no ambiente hospitalar, provoca uma mudança no humor da criança e uma transformação no ambiente em que ela se encontra.

Apesar de muitos grupos não terem como objetivo principal das suas visitas a humanização do ambiente hospitalar, como o Doutores da Alegria, eles indiretamente estão ligados a isso.

A formação dos palhaços varia de acordo com o grupo, existem palhaços amadores, que possuem formação em outras áreas como a da saúde, e palhaços profissionais, que são atores profissionais formados em artes cênicas. A visão do ambiente hospitalar, de um palhaço amador é diferente da visão do palhaço profissional, enquanto o palhaço profissional tem toda a preocupação de estimular o lado que está bom da criança hospitalizada, o palhaço amador muitas vezes só produz o “riso momentâneo”, como é o caso do grupo Companhia do Riso.

Enquanto alguns grupos são rigorosos na escolha de seus representantes no ambiente hospitalar, que são os palhaços que fazem as visitas, outros aceitam até mesmo voluntários e profissionais de outras áreas.

A frequência das visitas e a duração das mesmas variam de acordo com o grupo, alguns realizam visitas duas vezes por semana e outros realizam só uma vez por semana.

Cada grupo de palhaço possui uma visão diferente do ambiente hospitalar, e isso vem principalmente da formação dos palhaços. E também possuem diferenças na maneira como lidam com o produto final das visitas: o riso. Apesar disto, o trabalho dos palhaços no ambiente hospitalar, sejam eles atores profissionais ou não, fazendo visitas uma vez por semana ou não, eles provocam uma mudança no ambiente hospitalar, e que na maioria das vezes é uma mudança positiva tanto para os pacientes pediátricos, quanto para seus familiares e acompanhantes e todos os profissionais que trabalham no hospital. Segundo Françani *et al* (1998, p.6), o espaço hospitalar tornou-se mais informal, e o riso pode ser ouvido com maior frequência no ambiente hospitalar.

A atuação dos grupos no ambiente hospitalar vem promovendo muitos aspectos positivos no próprio ambiente hospitalar e no humor da criança, bem como no seu tratamento, por isso seria interessante dar uma maior visibilidade a esses trabalhos.

Além disso, deveria-se investir nas experiências voluntárias, ou seja, nos grupos formados por palhaços amadores, que realizam o trabalho voluntário, mas sempre valorizando o papel da arte, promovendo, por exemplo, cursos, oficinas e palestras para esses palhaços. E

com isso, promovendo uma aproximação maior da arte com a ciência, também por meio de pesquisas, e estudos científicos relacionados ao assunto, já que ainda há pouco material científico sobre esse assunto.

## REFERÊNCIAS

ACHCAR, A.; SARMENTO, J. **Enfermaria do Riso – uma experiência interdisciplinar entre teatro e saúde na UniRio**. Disponível em:

<[http://www.pacc.ufrj.br/literatura/dossie\\_riso\\_sobre.php](http://www.pacc.ufrj.br/literatura/dossie_riso_sobre.php)> Acesso em: 02 dez. 2007.

AQUINO, R. G. de; BORTOLUCCI, R. Z.; MARTA, I. E. R. Clowns doctors: the child talk. **Online Brazilian Journal of Nursing (OBJN – ISSN 1676-4285)** v.3, n.2 ,2004. Disponível em: <[www.uff.br/nepae/objn302aquinoetal.htm](http://www.uff.br/nepae/objn302aquinoetal.htm)> Acessado em: 28 fev. 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **HumanizaSUS. Ambiência**.(2004)

CEMBRANELLI, F. **Por que um programa de humanização nos hospitais?** Disponível em: <<http://www.portalthumaniza.org.br/ph/texto.asp?id=116&Texto=cembranelli>> Acessado em: 05 Mar. 2008.

**Doutores da Alegria o Filme**. Produção de Mara Mourão. São Paulo: Mamo Filmes e Grifa Mixer, 2006. 1 DVD (97 min.) : DVD vídeo, NTSC, color, Dolby Digital. Idioma Português . Legendado Português, Espanhol, Inglês , Frances. Documentário

**Doutores da Alegria. DIGA 33!** Disponível em: <[www.doutoredaalegria.org](http://www.doutoredaalegria.org)> Acesso em: 17 nov. 2007.

FRANCANI, G. M., ZILIOI, D., SILVA, P. R. F. *et al.* Prescrição do dia: infusão de alegria. Utilizando a arte como instrumento na assistência à criança hospitalizada. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Dec. 1998, vol.6, no.5, p.27-33. ISSN 0104-1169.

JOHNSON, B. **A history of clowns**. Disponível em:

<[http://www.clownministry.com/index\\_1.php?/site/articles/history\\_of\\_clowning\\_from\\_the\\_ancient\\_pharaohs\\_to\\_the\\_modern\\_day\\_by\\_bruce\\_jo/](http://www.clownministry.com/index_1.php?/site/articles/history_of_clowning_from_the_ancient_pharaohs_to_the_modern_day_by_bruce_jo/)> Acessado em: 29 Fev. 2008.

**Libertadores do Riso**. Disponível em: <[www.libertadoresdoriso.org](http://www.libertadoresdoriso.org)> Acesso em: 02 Dez. 2007.

MALUF, Â.C.M. **Brinquedoteca: um espaço estruturado para brincar**. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/opiniao/opiniao.asp?entrID=276>> Acesso em: 16 jun. 2007.

MARTINS, M.C.F.N. **Humanização na Saúde**. Disponível em:

<<http://www.portalthumaniza.org.br/ph/texto.asp?id=57&Texto=martins>> Acessado em: 05 Mar. 2008.

MASETTI, M. Doutores da Ética da Alegria. **Revista Interface** (Botucatu). Mar./Ago. 2005, vol.9, no.17, p.453-458.

MASETTI, M. (coord.) **Palhaços em hospitais** – Brasil. São Paulo: Centro de Estudos Doutores da Alegria, 2003.

OLIVEIRA, Vinicius. **Mensageiros do Riso**. Disponível em:  
<<http://mensageirosdoriso.zip.net>> Acesso em: 02 dez. 2007

**Operação Hospalhaço**. Disponível em: <[www.hospalhaço.com.br](http://www.hospalhaço.com.br)> Acesso em: 02 Dez.  
2007

**Projeto Sorir**. Disponível em: <<http://www.projetosorir.com.br/index3.htm>> Acesso em: 02  
Dez. 2007.

ROCHA, L.V.; LEME, R.; TRUZZI, R.; FERRARA, T.; NOGUEIRA, W.; PESSOA, Z.  
**Balanço 15 anos dos Doutores da Alegria**. 2006.

RUBIM, F. **Alegria para colher sorrisos**. Disponível em:  
<<http://www.metodista.br/rronline/cidades/alegria-para-colher-sorriso>> Acesso em: 02 Dez.  
2007.